

«Gosto» é discutível: uma reflexão sobre o acúmulo de bens simbólicos

■ CARLA DE ARAUJO RISSO*

BOURDIEU, Pierre (2007).

A distinção: crítica social do julgamento.

(trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira).

São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 560 p.

RESUMO

Neste extenso trabalho, desenvolvido por meio de pesquisa aplicada no período de 1963-1968, Bourdieu investiga a aquisição do capital simbólico e efetiva uma crítica social do julgamento do gosto. No pensamento de Bourdieu, o mundo social funciona simultaneamente como um sistema de relações de poder e como um sistema simbólico em que as distinções minuciosas do gosto se transformam em base para o julgamento social. As preferências estéticas de cada indivíduo são, na verdade, distinções – escolhas feitas em oposição àquelas feitas por membros de outras classes. Sendo assim, o gosto não pode ser «puro» e nenhum julgamento do gosto pode ser inocente. Obra escrita em 1979, *A distinção* ainda apresenta uma grande contribuição para os atuais debates na área de teoria da cultura e é um desafio às principais escolas teóricas da sociologia contemporânea.

Palavras-chave: cultura, relações sociais, arte

ABSTRACT

In this expansive work, established through questionnaires in the period of 1963-1968, Bourdieu investigates the acquisition of symbolic capital and the implications of taste based on social class. According the thought of Bourdieu, the social world functions simultaneously as a system of power relations and as a symbolic system in which minute distinctions of taste become the basis for social judgment. The different aesthetic choices people make are all distinctions – choices are made in opposition to those made by other classes. So, taste is not pure and no judgment of taste is innocent. Written in 1979, *La distinción* is a major contribution to current debates on the theory of culture and a challenge to the major theoretical schools in contemporary sociology.

Key words: culture, social relationships, art

* Professora do Centro
Universitário Unifio e
doutoranda da ECA-USP.

OSOCIÓLOGO PIERRE BOURDIEU – diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, diretor da Revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* e Catedrático de Sociologia no Collège de France – encontra-se no rol dos grandes pensadores do século XX. Em sua obra com diversos títulos publicados em português – entre eles, *O poder simbólico* (Bertrand Brasil, 1992); *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos* (Zouk, 2001) e *As estruturas sociais da economia* (Instituto Piaget, 2001) –, procurou revelar a dissimulação presente nos diversos mecanismos de dominação que atravessam as relações sociais.

A mais recente tradução de seus estudos publicada no Brasil é *A distinção: crítica social do julgamento* (Edusp/Zouk, 2007) – escrita originalmente em 1979 –, uma síntese de suas investigações nos anos 70 e considerada por muitos autores como a obra central de sua carreira sociológica.

O livro, dividido em três partes, expõe a análise de uma pesquisa de campo conduzida por Bourdieu – numa primeira fase em 1963, junto a uma amostra de 692 indivíduos (homens e mulheres) de Paris, de Lille e de uma pequena cidade do interior, e, numa fase complementar, entre 1967 e 1968. No total, foram entrevistadas 1.217 pessoas sobre os modos de aquisição da cultura.

Para Bourdieu, os bens culturais possuem uma economia e uma lógica específicas de apropriação que fazem com que esses bens, em determinado momento, sejam ou não valorados como obras de arte. Desde o século XVII até nossos dias, existem idéias contraditórias sobre o que é cultura, sobre a relação legítima com a cultura e com as obras de arte e, portanto, sobre as condições de aquisição dessa cultura. A pesquisa de Bourdieu aponta para diferentes modos hierarquizados de aquisição da cultura ligados às classes de indivíduos. Trata-se de uma hierarquia social – presente em cada uma das artes, de seus gêneros, suas escolas ou suas épocas – associada à hierarquia social dos consumidores.

Os gostos funcionariam, então, como marcadores privilegiados de classe e o amor pela arte não passaria de uma abstração que pressupõe um ato de conhecimento, uma operação de decifração e decodificação decorrente do acionamento de um patrimônio cognitivo e de uma competência cultural.

Uma obra de arte, portanto, só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada, pois o território do “sentido do significado” só é percorrido por aqueles que empreenderam o aprendizado das características propriamente estilísticas dessa obra. Para Bourdieu, “o olho é um produto da história reproduzido pela educação” e o mito do olhar “puro” (p. 10) do espectador não passa de uma invenção histórica correlata à aparição de um campo de produção artística capaz de impor suas próprias normas – tanto na produção quanto no consumo de seus produtos. Sendo assim, Bourdieu

considera o processo de aquisição dos bens culturais pelos indivíduos “uma experiência encantada da cultura”, que promove o esquecimento dessa aquisição e a ignorância dos instrumentos da apropriação.

A primeira parte de seu livro diz respeito à crítica social do julgamento do gosto, na qual são discutidos «títulos e ascendência de nobreza cultural». Como é impossível deixar de lado o jogo da cultura, Bourdieu afirma que “é somente no nível do campo de posições que se definem tanto os interesses genéricos associados ao fato da participação no jogo quanto os interesses específicos relacionados com as diferentes posições” (p. 18) e, conseqüentemente, também são definidos a forma e o conteúdo das tomadas de posição pelas quais se exprimem esses interesses. Assim sendo, a disposição culta e a competência cultural – apreendidas através da natureza dos bens consumidos e do modo pelo qual se dá esse consumo – variam de acordo com as categorias de agentes e os terrenos aos quais elas se aplicam. E as formas de adquirir sobrevivem na maneira de utilizar as aquisições no estabelecimento social de uma nobreza cultural com títulos discernidos pela escola e pela ascendência dos indivíduos, pela qual é avaliada a antiguidade do acesso à nobreza. Partindo dessa premissa, os gostos ou as preferências manifestadas são a afirmação prática de uma diferença inevitável – são a expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, cujo valor distintivo determina-se objetivamente na relação com expressões engendradas a partir de condições diferentes.

Já na segunda parte do livro, Bourdieu discorre sobre «A economia das práticas», tratando do espaço social e de suas transformações: de acordo com o tipo e o volume de capitais adquiridos – econômico, social, cultural e simbólico. Cada grupo social, em função das condições que caracterizam sua posição na estrutura social, constitui seu próprio sistema específico de disposições para a ação – o *habitus* –, composto por esquemas de ação e pensamento construído pelo acúmulo histórico de experiências de êxito e de fracasso.

Segundo Bourdieu, “pelo fato de que condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes” (p. 164), as práticas engendradas pelos diferentes *habitus* apresentam-se como configurações sistemáticas e funcionam como estilos de vida. Estrutura estruturante, no dizer do autor, que organiza tanto as práticas quanto a percepção que se tem delas, o *habitus* é também estrutura estruturada que organiza a percepção do mundo social e, por conseqüência, funciona como uma força conservadora que mantém a divisão em classes sociais.

Nesse contexto, o gosto – como propensão e aptidão para a apropriação (material e/ou simbólica) de determinada classe de objetos ou de práticas – é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos

subespaços simbólicos, a mesma intenção expressiva. Contudo, na sociedade contemporânea, a idéia de gosto é tão estreitamente associada à idéia de liberdade que é difícil conceber os paradoxos do gosto da necessidade – transformando a prática em um produto direto da necessidade econômica. Para Bourdieu, o gosto é, na verdade, escolha do destino, que deixa como única opção o gosto pelo necessário.

A terceira parte da obra percorre o território dos «Gostos de classe e estilos de vida» e explicita como se dá a distinção, os diversos modos de apropriação da obra de arte e as marcas do tempo entre as classes dominante, pequeno burguesa e operária. Os membros das diferentes classes sociais distinguem-se não tanto pelo grau segundo o qual eles “reconhecem” a cultura, mas pelo grau segundo o qual a “conhecem”. A diferença entre o conhecimento e o reconhecimento é o princípio da “boa vontade cultural” que assume formas diferentes segundo o grau de familiaridade com a cultura tida como legítima. Bourdieu acredita que um dos mais seguros testemunhos de reconhecimento da legitimidade dessa boa vontade cultural “reside na propensão dos mais desprovidos em dissimular sua ignorância ou indiferença” (p. 298) e que, assim sendo, há uma profunda submissão – em matéria de cultura e de linguagem – aos valores dominantes.

Tal dominação cultural tem fortes conseqüências na esfera política: os agentes “mais legítimos” culturalmente são tidos como os mais competentes para opinar sobre as questões que interessam à sociedade – dentre os operários, na pesquisa de campo, verificou-se um índice elevado de não-resposta. Observa-se o silêncio daqueles que se julgam incompetentes estatutariamente para exercer seus direitos políticos. Estes admitem que a política não lhes diz respeito e que, por serem desprovidos dos meios reais de exercê-los, abdicam dos direitos formais que lhes são reconhecidos. Condenam-se, então, a delegar a sua voz àqueles que julgam os mais competentes: as mulheres em favor dos homens, os menos instruídos em favor dos mais instruídos, daqueles “que não sabem falar” em favor daqueles “que falam bem”.

A partir desses pressupostos, Bourdieu inicia a conclusão do livro assegurando que o gosto é uma disposição adquirida para «diferenciar» e «apreciar» ou para estabelecer ou marcar diferenças por uma operação de distinção que não é um conhecimento distinto. Os esquemas do *habitus*, considerados formas de classificação originárias, devem sua eficácia ao fato de funcionarem aquém da consciência e do discurso. Logo, o *habitus* se encontra fora das tomadas do exame e do controle voluntário – orientando as práticas, dissimula o que seria designado, erroneamente, como «valores» nos gestos mais automáticos. As estruturas cognitivas utilizadas pelos agentes sociais para conhecer o mundo social são estruturas sociais incorporadas, com formas de classificação, estruturas

R

«Gosto» é discutível: uma reflexão sobre o acúmulo de bens simbólicos

mentais, formas simbólicas. E, por serem o produto da incorporação das estruturas fundamentais de uma sociedade, os princípios de divisão são comuns aos agentes dessa sociedade e tornam possível a produção de um mundo comum a todos os seus membros. Assim, a ordem social se inscreve, progressivamente, por intermédio dos condicionamentos associados às diferentes condições de existência, de todas as hierarquias na origem da estrutura social e de todas as classificações presentes na linguagem.

Portanto, para Bourdieu, nada se encontra mais afastado de um ato de conhecimento que a designação da palavra «gosto» como a “faculdade de perceber sabores” e a “capacidade de julgar valores estéticos”. E, nesse sentido, gosto se discute, sim. ■

Resenha recebida em 22 de agosto e aprovada em 29 de setembro de 2008.